



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 28 de Fevereiro de 1987 * Ano XLIII — N.º 1121 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Tribuna de Coimbra

Ainda não perdi a esperança de ver o antigo «bairro das latas» com vida e aspecto mais airoso e mais humano. Mudou já um pouco, sobretudo para quem o vê de longe. Mas para quem se aproxima e contacta a vida, é muito semelhante ao que foi sempre.

Fui chamado a casa duma família que tem recebido ajudas para construir a habitação que demora a acabar; mas já coberta e tapada, vai servindo. Deus tinha vindo buscar o pai que, há anos, estava paralisado. Trouxe uma cadeira de rodas e um saco de sondas.

No caminho visitei um dos cantos do «bairro». Numa das barracas, à porta, estavam três crianças. Chamavam a mãe deitada com uma dor. Tinha ido ao hospital, mas a dor não findava. Mostrou as ruínas da parede de encosto, a humidade a escorrer pelo chão interior, o medo de que tudo caísse para cima deles, o acanhadíssimo espaço onde têm de amontoar todas as coisas e se têm de amontoar também. Com as lágrimas nos olhos e voz a soluçar, disse do abandono do marido que, já há anos, deixou a família.

Subi as escaditas até ao carreirito de acesso, ao lado do qual continua a correr o rego com os esgotos que vêm da fossa de cima, cujo cano foi demolido, há muito. O mau cheiro e a bicharada continuam a dominar aquele ambiente!

Continuei a subir as escaditas. Dão à rua que desci até quase ao fundo, com piso muito irregular e esburacado, fruto do Inverno, do abandono.

Na encosta íngreme há promessa de construção de barracas de paus e taipas. Vi crianças à beira. O acesso é por carreiros de lama. Um homem, já de idade, descia com um molho de tábuas toscas às costas. Intimamente desejei ajudar a construir aquelas barracas. É melhor aquilo do que nada.

Parei e estive muito tempo a olhar aquela encosta em desalinho, com montes de entulho e silvas. Reguitos de água e esgotos a correr à vista. Olhei para o cemitério que me

pareceu alinhado, limpo e cuidado. Um contraste!

Dois campos: O campo santo dos mortos; o campo de habitação de vivos. Há um grande muro a separá-los. Com o muro há uma enorme barreira. E naqueles momentos longos pensei se aquele muro e aquela barreira não estarão também no coração dos homens. Qual o campo que se deve cuidar melhor?

A Misericórdia é dona do terreno. A Câmara tem a missão de zelar pelo bem da população. Já falámos. Há ideias. Há planos. Há alguma boa vontade. Ouvi dizer que alguém quer fazer, ali, alguma coisa de bem.

A cidade de Coimbra, neste ano Centenário de Pai Américo — que tanto amou a Cidade e aquele «bairro»! — há-de querer remediar vidas dos mais pobres e ofertar uma prenda de Centenário. Não será o arranjo do «bairro das latas» uma prenda agradável e proveitosa?

Respondam todos os de boa vontade. Vamos unir as nossas mãos, os nossos corações e mudar aquela encosta em campo santo de vivos.

Não quero perder a esperança!

Padre Horácio

ANO INTERNACIONAL DOS SEM TECTO

O costume que vai enraizando, de cada ano ser Ano Internacional de Alguma Coisa, não resolverá os problemas que aborda — não resolve, certamente — mas sempre os agita e, ao menos no plano das ideias, pode contribuir para alguma sensibilização de muitos distraídos e indiferentes

acerca desses mesmos problemas.

É das Nações Unidas que vem a proposição do tema de cada ano. O de 1987 é «Os sem tecto».

Não precisamos de ir longe para os detectar. Nas margens das nossas cidades — e quanto maiores, maior é a tormental

— proliferam os acampamentos de barracas ad hoc; e há-os até organizados por entidades oficiais, como é o caso do Vale do Jamor, ali mesmo à beirinha do bellissimo Estádio Nacional. Mas no seio delas, muitas vezes no centro

Cont. na 2.ª pág.



BARREDO
(PORTO)

ONTEM — Lixo e morte...!

HOJE — Nos locais reconstruídos pelo CRUARB (cara lavada, roupa estendida...) não será mais terra de martírio!

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É Viúva. Tem criado, dignamente, um rancho de filhos — sabe Deus como! — já que a pensão de sobrevivência é só para entreter.

O problema das Viúvas, dos Órfãos, não é encarado de frente! Não se desce ao rés-do-chão, talvez supondo que todas sejam trabalhadoras por conta de outrem! Quem trata dos filhos?

E se alguém decidisse tomar nota do calvário da Viúvez?

No caso vertente, a pobre mulher pede que acudamos a um filho que precisa de recuperar a vista. «A mãe está ruim e não lhe posso dar os óculos!»

Atendemo-la como se fosse do nosso sangue. Deixámos a família radiante por se haver reposto, no lar, a dignidade dos Pobres.

● Outra Viúva! O marido era um trabalhador qualificado. Deus levou-o quando menos se esperava. A mulher, doméstica, é naturalmente limitada e muito fará no cuidar dos filhos até serem homens, aspecto (que parece) ignorado do legislador de pensões de sobrevivência quando tanto se fala da Família, dos marginais, da prostituição.

Aí estão os nossos Leitores a suprir mais carências! Já basta às Viúvas e Órfãos a mudança de vida; quanto mais terem de sofrer a miséria...!

Só quem alguma vez sentiu no corpo, na alma, esta experiência de vida, melhor avalia o problema no seu todo.

Razão tinham — têm — os primeiros cristãos em cuidar das Viúvas e dos Órfãos!

● A moça é do Porto. Andava por lá..., d'albergaria em albergaria. Um moço conheceu-a, levou-a ao altar. Agora, são marido e mulher — e filhos.

Correram e saltaram para conseguir um tecto decente!

— Se puderem dar-nos uma ajudinha, alugaremos uma casita.

— Andem prà frente...

Não dissemos quanto nem como. Graças a Deus, temos cumprido pelas mãos dos Leitores. Mas a cruz do jovem casal endurece mais, por doença dum filho e do pai. As lágrimas da mãe, com outro filho ao colo, não eram de sangue, mas reflectem — e bem — o seu calvário.

— S'ò menos pudessem dar-nos, agora, mais alguma coisinha, enquanto ele não voltar à trabalho... O dinheiro da Caixa demora sempre a chegar e já não temos p'ra comer nem prà renda da casa!

Voltámos a repor, neste lar, a dignidade dos Pobres.

PARTILHA — «Uma lisboeta», assinante 27385, manda um cheque e pede só «uma alusão no jornal para saber que foi entregue». Outro,

muitíssimo abonado, da assinante 524, de Vila Nova de Gaia.

Aí está «Maria de Portugal» com «a segunda oferta, deste ano, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Não falha!

Mais vinte notas de M. Pereira. Muito certinhos, vinte rands de Umbilo — África do Sul. «Junto um cheque de quatro contos para as minhas irmãs viúvas» — legenda do assinante 24671, de Braga. Sabe quanto elas necessitam! Um cheque de Lovelhe, em carta amiga, e um desabafo: «Passaram já muitos meses que não envio qualquer importância para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Almas grandes!

A assinante 1167, de Braga, abre-se em generosidade e manda repolhudo cheque «a favor daqueles que julguem mais necessitados». Assim como a esposa do assinante 29884, da capital.

Agora, uma nota de mil, pela mão da assinante 27952, de Aveiro. Metade, de Vilares (Vila Franca das Naves). Oliveira de Azeméis: «O dinheiro que sobrar podem empre-

gá-lo no que os Pobres mais necessitem».

«A minha habitual contribuição (1.500\$00) referente aos meses de Janeiro e Fevereiro para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus e, como sempre, destinada a uma senhora idosa e doente» — acentua a assinante 26471, de Algueirão. Com a mesma intenção, mil de Figueira de Castelo Rodrigo «em acção de graças pelo meu 81.º aniversário». Que bem!

O assinante 6533, de Ermesinde, arruma contas d'O GAIATO, de livros, e «a importância restante para as necessidades mais prementes da Conferência de Paço de Sousa».

Chegam mais 1.500\$00 de Amélia, da capital, pedindo desculpa «de ser tão pouco». Aqui está o valor!

A remessa habitual da assinante 19177, do Porto — há quantos anos! Mais 11.200\$00 da assinante 4456, da Covilhã. A sua carta é uma Oração!

A coluna fecha com um remanescente do assinante 32986, da capital do Norte.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

PORCOS — Os nossos porcos morreram todos. É pena! Assim, não teremos carne de porco, de nossa Casa, durante algum tempo.

DESPORTO — A nossa equipa, depois de sete jogos sem ganhar, averbou vitórias: Contra o Sta. Mariinha F. C., de Gaia, em 8 de Fevereiro, ganhámos por 10-0; no dia 15, a equipa B defrontou o Cavadas F. C. e venceu por 3-0, embora com muitas dificuldades.

Queremos receber colectividades, de juvenis e iniciados, para as nossas respectivas equipas jogarem mais vezes.

Agradecemos, também, ao Cadavão

F. C. o equipamento que nos ofereceu e tanta falta nos fazia!

Neste momento precisamos de bolas. Se houver quem nos queira ajudar a suprir a falta, agradecemos antecipadamente.

PEDIDO — Neste momento a administração d'O GAIATO precisa de mais uma ou duas máquinas de escrever. As que temos estão avariadas e foram para consertar.

Temos só uma máquina a funcionar, numa secção tão importante. Não se pode despachar o trabalho necessário para cerca de 50 mil assinantes.

Se um leitor quiser aliviar a carga..., aqui vai já o nosso muito obrigado.

VISITAS — Apesar do mau tempo, não tem faltado quem nos queira visitar. No fim-de-semana a nossa Aldeia fica repleta de visitantes! Pessoas que nos querem ver e conhecer. Os «Batatinhas», como sempre, são a atracção. No fim dos domingos estão cheios de guloseimas e de mimos!

Ludgero Paulo

ANO INTERNACIONAL DOS SEM TECTO

Cont. da 1.ª pág.

histórico das cidades mais antigas, o nível de habitação é de tal modo degradado que bem podemos declarar «sem tecto» os que lá moram.

Poderíamos citar estatísticas e falar aqui dos milhões de homens que por esse mundo e por causas diversas, não têm abrigo vedado das intempéries; mas, sobretudo, não têm a estabilidade de uma casa minimamente confortável como é exigido pela condição humana. Porém, este falar da grandiosidade da miséria, em regra, não conduz a nada. Nem importa falar por falar. Falar, sim, para despertar à acção e mobilizar agentes que, abrindo o coração ao sofrimento alheio, se doam; e motivados por essa dor, verdadeiramente sua, se dêem à fraternal tarefa de procurar pistas e alcançar remédios para os males de que se fala. Falar apenas, pode ser um comportamento demagógico; não é, com certeza, um comportamento cristão, que este compromete-nos na justiça devida ao Próximo, em fazer-lhe o bem que queríamos nos fosse prestado em idênticas circunstâncias.

Foi esta a atitude de Pai Américo: primeiro, procurar a miséria do seu semelhante lá onde ela se esconde ou se pretende mantê-la escondida; segundo, fazê-la sua; depois, com o dinamismo próprio do sofrimento em Esperança, com a certeza libertadora desta virtude, partir ao encontro de soluções que Deus fará deparar, as quais, se não curam a

totalidade do mal, o atenuam e o vão remediando mesmo, definitivamente, neste e naquele que o sofre.

Partir do Próximo, daquele que está realmente perto de nós e em relação ao qual é possível comungar as carências que o afligem. E pouco a pouco, o raio de acção se irá alargando. E os meios que eram nenhuns no princípio e houve que inventá-los para o primeiro passo, irão aparecendo no ritmo que o agente pode acompanhar, limitado como é na sua capacidade de acção.

O que falta no mundo não são os meios para agir. Falta, sim, na maioria dos homens, a determinação interior que rompe a inércia e torna imparável o homem que se queimou no «fogo que Cristo veio à Terra acender e quer que se ateie», que se propague.

Pai Américo foi um destes raros valentes que aceitou sem resistência o repto do seu Mestre e Senhor. Deixou-se

pegar por esse «fogo» e foi, labareda acesa, incendiando outros.

O «fogo» é o amor de Jesus transplantado para o coração dos homens. É o «amai-vos como Eu vos ameii», vivido pelos homens. O amor que O consumiu até ao esgotamento do sangue e à gota de água que por fim o Seu Coração derramou, é o único necessário. Gota de água, uma só gota, impotente para apagar o fogo que Ele quer ateado.

E a maioria dos homens como Lhe responde? Quais bombeiros que correm apressados ao som do alarme, consomem caudais de água em vez de se deixarem consumir. E os problemas que ferem a humanidade ficam alagados e nunca resolvidos.

Também no Sacrifício Eucarístico, o Preciosíssimo Sangue é o termo da transubstanciação do vinho em que se misturou uma gota de água. Esta é a nossa parte, uma participação

simbólica do homem no Sangue de Cristo — gota de água a escorvar e estabelecer o fluxo de sangue que há-de sair do nosso coração e derramar-se sobre as feridas dos homens para as sarar.

Mística... — dirá alguém. Abstracções... — pensarão outros. O que ninguém pode dizer é que foi abstracta a reacção de Pai Américo perante o homem «sem tecto». E se quiserem explicar como lhe foi possível reagir tão em concreto, têm de subir a esta mística — que outros poderes ele não tinha quando lançou o Património dos Pobres e o veio a difundir por tantos lugares. Tinha cravado na sua carne o espinho de multidão de famílias a viver em condições ultrajantes para a natureza humana; e tinha uma confiança infinda na Justiça imanente de Deus. O resto veio por acréscimo.

Padre Carlos

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Se não fosse sempre assim — graças a Deus! — apetecia dizer, hoje, que temos uma precissão de categoria!

Eis alguns novos Assinantes que se inscreveram directamente — por suas mãos.

Lisboa:

«Há muito conheço a Obra da Rua, ou antes: ouço falar dela.

Simplemente, há dias, em

Coimbra, comprei O GAIATO e pronto — desta vez não passa — cá estou a inscrever-me como «ajudante» da Obra do Padre Américo.»

Tomar:

«Dentro desta vão encontrar uma nota de 1.000\$00.

Não se espantem, afirmar que esta remessa é feita por ordem do Padre Américo.

Desejo, no entanto, uma

compensação: ordenar que me seja enviado O GAIATO.

Sou, de há muitos anos, um grande admirador da Obra da Rua. O Cristianismo em toda a sua pureza!

Bom. Há muitos anos... — não sei já quantos — mandei



Do que nós necessitamos

Chegou no correio de hoje. Porque essa carta é um tratado de Sabedoria não temos o direito de a guardar para nós.

«Eu sou a mulher do assinante 26049 e venho entregar a «taxa» de dez por mil que vos devo. Na realidade, casou um outro filho e tive, de novo, a felicidade de poder ajudar também este na compra da sua pequena casa, até poder arranjar outra maior e melhor.

(...) A minha sugestão irá para aquela mãe de 9 filhos (só mais um do que eu)... Quem está em dívida (imensa) e quem mais beneficia somos todos nós os que lemos e vivemos O GAIATO e a Vida que lá vem.

Eu acredito que o Espírito Santo (que não desanima nem faz discriminações) há-de tocar

também o coração de algumas mulheres, tal como tocou o vosso. Mulheres necessárias para ajudarem nessa divina Obra da Rua.»

É mãe de 8 filhos. É pobre, de certeza; de contrário, não saberia falar nem viver assim. É feliz. A sua carta respira felicidade. A palavra «felicidade» anda de mãos dadas com a irmã gémea «ajudar». Não ponho o valor da «taxa», propositadamente, não vá acontecer que os olhos poísem fora do lugar.

Esta coluna, no último O GAIATO, ficou ainda pequenina. Mãos estendidas, tocadas por força interior, vão colocando pedra sobre pedra. Embrulhada em folha de papel, uma nota de 50\$00. Da R. Alves Redol, 10.000\$00. Metade, de Ferreira do Zêzere;

outro tanto, de Sara; 50.000\$, do assinante 32.800 e «não sei dizer mais nada!» Mais 10.000\$, de Jorge Alberto; o dobro, dos Carvalhos; de empresa grande, 10.000\$00.

Vêm, agora, os alunos da segunda classe da escola de Seia — n.º 3, com 1.000\$00, acompanhados da sua professora. São 24 crianças que vão aprendendo a Lei da Vida que não apenas as letras e as contas. Outra carta, de Santo Tirso, de uma escola também. Quando existe nos corações dos mestres esta preocupação, fazem-se testemunhas e os discípulos seguem-nos. Mais outra carta linda, de Leiria, com votos de boa saúde para todos cujo sacerdócio é «essa excelente Obra».

7.000\$00, de promessa; outros dez mil, da assinante 39457; mais outro tanto, de Oliveira de Azeméis, e um grande abraço. Mais 100.000\$, em nossa Casa.

«Não quero passar o Natal sem vos sentir bem perto de mim e de todos os meus» — dedicatória que acompanha

vir O GAIATO por ordem do Padre Américo. Uns anos depois do seu desaparecimento, deixei de o receber. Os anos têm passado e nunca mais me lembrei. Agora, porém, as antigas ordens renovaram-se e preciso retomar a assinatura.»

Alto lá! Sangue muito novo corre nas veias da procissão. Vila Facaia:

«Sou pequenito, tenho 10 anos e gostava de receber O GAIATO porque acho-o muito proveitoso e gosto de ajudar os meninos pequenos como eu...»

Cabeçudos:

«Somos alunos da Escola de Cabeçudos e visitámos a Casa do Gaiato o ano passado. Então, explicaram-nos quem era o Padre Américo e o que fez pelos rapazes abandonados. Admiramos muito a Obra da Rua.

Queremos ficar assinantes d'O GAIATO, pois serão notícias que muito nos ensinarão.»

Setúbal:

«Agora, peço que enviem também O GAIATO ao meu neto, que tem 8 anos mas já lê bem e ficará muito contente.»

Outros horizontes. Todos os que motivam gente que jamais leu este mensageiro.

Porto:

«Tenho uma amiga, na América, e mandei-lhe alguns jornais d'O GAIATO para lançar o «rastilho». Creio que pegou, pois pergunta o que é preciso para ser assinante d'O GAIATO.»

Uma razão de ser de tantos que lembram ou apregoam o famoso — no trabalho, em horas de ócio nos cafés, nas comunidades paroquiais, em todo o lado — di-la a assinante 30363, de Lisboa:

«É com muita alegria que recebo O GAIATO. Gostava que entrasse em todos os lares, sobretudo onde há crianças...»

Mando um novo assinante, um amiguinho que só tem 9

anos, ficando eu responsável pela assinatura.»

Com outras palavras e a mesma intenção, ouçamos a assinante 21382, de Bonflorido:

«Sou assinante d'O GAIATO, há um ano. Encontro nele algo muito importante — espiritualmente.»

Arranjei duas novas assinantes!»

Outras boas notícias: Leitores mandam grupos de novos Assinantes — como uma, de Coimbra, com seis deles — que irão lançar Fogo do Espírito pelo mundo fora.

E que dizer, em próximas edições, de paróquias onde os Padres da Rua motivam os fiéis para lerem e assinarem O GAIATO?!

Entusiasmamo-nos e, contudo, o jornal não dá hipóteses de revelar mais quadros vivos da procissão! Ai vai, por isso, um mapa-mundi com a procedência dos novos Assinantes: Porto, Lisboa, Coimbra, Penacova, Setúbal, Vale de Milhaços, Gafanha da Encarnação, Miranda do Corvo, Gondomar, Aveiro, Santo Tirso, Póvoa de Varzim, Pedroso (Gaia), S. Cosme (Gondomar), Fermentões, Loulé, Lousada, Faro, Ermesinde, Sobrado (Valongo), Oliveira do Douro, Braga, Alvarelos, Padronelo, (Amarante), Valadares, Castelo da Maia, Miramar, Valbom (Gondomar), Cova da Piedade, Paço de Arcos, S. João da Madeira, Lousa (Loures), Pardilhó, Santarém, Vale de Santarém, Resende, Vila da Feira, Guimarães, Paúl, Vilar dos Prazeres, Brijos de Azeitão, Sines, Almada, Damaia, Loures, Quarteira, Linda-a-Velha, Matosinhos, Senhora da Hora, Castelo de Paiva, S. Paulo (Brasil), Troxeville (África do Sul).

Fica uma enorme procissão por revelar...!

Júlio Mendes

Notícias

■ Pois, do Calvário. Há dias, dei a notícia da morte do Silva; hoje, a do David. Foi como a dum passarinho que caiu da árvore e ficou inerte no chão de folhas. Não conheceu os campos, o mar e os dias de sol! Nem aqueles que, eu vi, o limpavam e lhe serviram o comer. Veio a família e levou o seu corpinho tão pequeno e deformado. Acompanhámo-lo, em silêncio, ao carro funerário.

■ Sempre me enterneceu o carinho e a ternura com que alguns pais tratam os seus filhos deficientes.

Aquele casal amigo, acompanhado sempre do filho nos passeios, nas férias e na sua vida social. Dá impressão que o mundo deste casal está, todo inteiro, no seu pequeno filho que não fala e mal anda.

E aquela minha amiga e grande mãe que tendo oportunidade de ir de avião passar férias a um país distante, levou consigo o seu filho de 25 anos, deficiente profundo. «Sem o meu menino não seriam férias!» — ela me disse quando eu estranhei.

Exemplos admiráveis os destas grandes almas que sabem ler o Evangelho!

■ O Bino é, no presente, o nosso doente mais embaraçoso. Nas crises berra pela mãe. Ao que sabemos, ela — enquanto pôde — tratou-o

o cheque de 50.000\$00, de Chaves. É a voz da Família; aquela Família que Deus vai recriando, dia-a-dia, com o nosso trabalho. De sacerdote amigo, de Cinfães, 10.000\$00; e 5.000\$00, de quem muito nos quer e pede uma oração. Agora, é a vez dos alunos da primeira classe com a sua professora, de uma escola de Ermesinde, com 3.000\$00 e muita amizade. 20.000\$00, «por uma intenção especial». É uma importância pequena, diz a Maria Carolina, mas dada com amor; e manda 12.500\$00. Mas o que é que dá sentido à vida? Não se trata de frase feita. É a voz da experiência de todos e todas os que embarcaram na aventura de Amar com letra grande. Cheque de 6.000\$00 «para um Natal mais doce». E a Armandina vem logo a seguir com outro cheque de 100.000\$00, «a sempre amiga dos gaiatos» a quem deseja saúde e muita Paz. Meio escondida, com receio de ser notada, não vá perder o seu perfume de alto valor, uma nota de 50\$00 para «uma rabanada» da ceia de Natal. Maria Luísa põe uma prenda de 20.000\$00 «em casa de algum dos meus irmãos mais necessitados». De Ermesinde, 30.000\$00. Muitos cheques e vales de 1.000\$, 5.000\$, 10.000\$00 todos marcados com nobre intenção. É a lembrança de pessoas queridas que já partiram. É a necessidade de dar

sempre com muito carinho. Quando as forças lhe faltaram, o Bino entrou na nossa Aldeia. Foi uma mãe carinhosa. O filho fala nela, por dia, um cento de vezes. Não tem outra moeda para pagar a sua ternura. É o pólo do subconsciente a dar o sinal da gratidão.

■ É no seio da família, quando harmonioso e bom, que os deficientes e os pais já velhinhos se sentem bem. Outros processos são «kremendos em pano velho». Mas, quantas famílias não têm um quatinho mais, nem tempo nem sobras no fim do mês...! Também, infelizmente, aqueles que, para se libertarem de incómodos, depositam os pais num quarto «duma terceira idade». Ali ficam o resto dos seus dias como numa ilha deserta!

Notei isto mesmo num casal de velhinhos: Um filho, cheio de brilhos, foi por eles à aldeia e colocou-os num desses quatinhos bonitos. Nem as rachas de carvalho a arder na lareira; nem a talha do azeite; nem a adega onde o pipó, os salpicões e o presunto pendurados na viga. Tão longe dos vizinhos...! Longe, igualmente, do campanário amigo que lhes acompanhou, no termo da sua aldeia, todos os passos...! Como se uma vibora lhes tivesse mordido o coração...!

Padre Telmo

para ter alegria e Paz. São migalhas que fazem a fartura dos Outros. Esta palavra migalha tem uma carga de sentido muito rica. É o preço de quem dá pelo muito que recebe. 20.000\$00 para a mercearia. 500\$, de anónima. Cobertores, da Fernanda e Joaquim, 6.000\$, de Luís e o pedido de mil desculpas pela longa ausência. Tudo isto tem o sabor a família. Da Covilhã, uma fatia de bolo-rei que custou 6.670\$00. De Plásticos Miragaia, 25.000\$. Que bem nos souberam as «migalhas» de 10.000\$00 que mandou a Paróquia de S. João Baptista, de Cinfães, pelas mãos de seu Pároco! Que alegria ver os Padres no exercício do Amor Maternal do Pai. É a Igreja-Mãe que aparece e se torna crível como mistério do Amor de Deus pelos homens. 20.000\$00, de Guimarães. Igual quantia, do Porto, da Helena. Metade, de S. João da Madeira, «para a consoada de alguém que muito precisasse». É o Natal que continua. Quem dera! Filha agradecida a seus pais que não se esqueceram de a ensinar a repartir. É o segredo da educação dos filhos. De Barcelos, 12.000\$00. Mais amizade. Mais 40.000\$00. «Que esta migalhinha junta a muitas mais se transforme em belos pães.» Metade, de Laura. Quedamo-nos pequeninos e agradecidos e dizemos também: «Peço o meu perdão pela humildade da oferta de 1.000\$00, pois ela traduz a vontade do meu coração». De Mação, da Póvoa, de Oliveira do Douro, do Porto, de Gondomar, ora escondidos debaixo do anonimato, ora pedindo que não façamos propaganda, ora com nomes já tão nossos conhecidos e amigos, chegaram remessas de 500\$, 1.000\$, 5.000\$, 1.500\$. Umas deixadas no Lar do Porto, outras nos lugares do costume. Para a viúva que vive num barraco com 6 filhos, 24.150\$00. O pessoal da G. N. R. também veio. Anda alguém a atear o incêndio pelos vários postos. É um apaixonado. É um Padre. E não descansa! O Amor não dá tréguas a quem se deixa queimar. Do Posto de Santo Tirso, 3.300\$00. Doutor que foi aumentado, manda o primeiro ordenado depois da nova nomeação. Não há idades nem categorias sociais que resistam quando se descobre o caminho. Do Hospital do Carmo, 10.000\$ de quem conhece bem a cozinha e o que ela come e gosta. Mais 100.000\$, de Luís Rocha, bem juntinho ao grupo de senhoras amigas que vivem de mãos dadas com os Pobres, de Lordelo do Ouro, e enviam 2.000\$00 e um beijo para o Zé Luís. Do Bombarral, 20.000\$. É mãe, de certeza. Só as mães têm falas destas: «Muita paz e saúde e muita paciência para poderem criar os nossos pequeninos irmãos» e manda 1.500\$00. Cinqüenta mil para pagar a assinatura d'O GAIATO. São raros os periódicos a que se atribui tal valor. Nós não. Mas a vida não tem valor. Vale tudo. O GAIATO põe em causa a vida ou a morte de

Cont. na 4.ª pág.

SETÚBAL

Foram muitas as expressões de carinho que de toda a parte e de todas as maneiras chegaram, até nós, pelo Natal. Não cabem no jornal! Ficam no nosso coração e servem, muitas vezes, para nos dirigirmos a Deus.

M. M., do Porto, tem-me acompanhado desde o tempo em que, tendo descoberto uma família a viver numa toca, propus e consegui construir-lhe uma casa.

Já se passaram quase trinta anos!

Eu nunca vi M. M., do Porto. Ela mostra-nos, agora, o rosto enviando mil escudos mensais: **«Ao longo dos anos, o meu amor pela Obra não esmorece. Mantém-se vivo»**. Em testemunho, esta migalhinha para as necessidades mais prementes.

De ao pé da porta, na caixa do correio, outra beleza sobrenatural: **«Aceita, Senhor, esta pequena dádiva do meu décimo terceiro mês. Quero oferecê-la para os Teus mais pobres. Que ao menos, Senhor, todos tenham uma casa e uma cama como os desta Casa!»**

Do Seixal, individualmente, com roupas, chegaram 5.000\$; e o mesmo, do Luís; de Alvalade; de Palmela; de um dos nossos rapazes, casado; da Ana Francisca com esta prece: **«Que o Senhor nos dê coragem e nos abençoe»**. De uma promessa; mais de dois Joões; dos Alunos da Escola Primária, do Alfeite, com mercearia; roupas de um casal amigo e um envelope fechado; de Maria Líbia, Maria Leonor, da Quinta do Anjo. Barreiro, de José Rodrigues; de Alcochete, num baptizado, duas vezes; Maria Virginia, Maria Alice. Do Calhariz; de Almeirim, Aurélia, Palmira; do Estoril, Maria da

Conceição; Maria José. Dos Leitões, Beatriz, Ulisses; na caixa do correio com feliz ano! Maria de Lourdes; do assinante 12581, da Califórnia; Francelina, da Holanda.

De duas comunidades religiosas, dez contos de cada; e o mesmo de Amélia, de António, José, da França, do Álvaro, dum anónimo, do Óscar, Aniceto, Pedro, Maria Helena, Rogério, Alberto; de Oeiras, António Joaquim e Jorge Rosa; da Embaixada dos Países Baixos; e da Fernanda.

Dois mil escudos com colchões; Amélia; de Almada; Mourisca; entregues à Isaura; Maria Cristina; Francelina; Costureiras de Palmela com um bolo; Etelvina, senhora da Quinta do Anjo. Rui, «uma pequenina boroa»; Odete, do Barreiro; Ericeira. Ernesto, anónimo e para o Calvário.

Vinte e cinco contos de um advogado que quando me encontra se multa sempre em cinco mil escudos: **«Tome lá prà sua Obra»**. A mesma quantia de uma Firma, de um casal de analistas sempre ao nosso serviço. De Aydeé, um pouquinho do nosso Natal e do José Duarte.

Cinquenta contos de Cármen, do António Jacinto, do Arnaldo, da Maria Mercês, do Luiz Gonzaga, da Zélia e do Gil. Cem da Guilhermina, do João pela saúde da mãe; do Luís Filipe e da nora de uma velha amiga. Cento e cinquenta da Inapa e do José Fernando. Quinhentos, de Lyons Club e do Governo Civil de Setúbal.

A Paróquia do Seixal não esqueceu a romagem natalícia e trouxe, com muitas roupas, 121.950\$00 de dádivas e pagamento de assinaturas. Os grupos Bíblicos de Monchique

enviaram setenta mil escudos. Uma Missão católica de emigrantes, em França, mandou 700 francos franceses. Outra, da Alemanha, Schwelm, 73.910\$. O grupo de Fraternidade Pai-Nosso, 7.400\$00. Da Quinta das Torres de Azeitão, 74.610\$. Um grupo de senhoras de Palmela fez uma festa e deixou 70.128\$00. De Corroios, os «irmãos de Saulo» fizeram uma cotização e enviaram noventa contos.

Os empregados da J. M. da Fonseca, Internacional Vinhos Lda., angariaram 50 contos; os da Portucel, 97.235\$00; os da E.D.P., 16.000\$00; e os do Centro Regional de Segurança Social de Setúbal, 34.014\$00. Em outras empresas onde o nosso Natal era lembrado, a coisa, naturalmente, foi adiada para a Páscoa. Espero que sim.

A quantia de mil escudos repetiu-se, muitas vezes, e veio de todos os lados e de todas as formas acompanhada de palavras e expressões de comunhão e encorajamento, pagando assinaturas, cumprindo promessas, satisfazendo penitências. Mil e quinhentos do mesmo modo. Uma viúva consola-se que a lembre no jornal. É a ternura pelo seu marido. «Da outra vez, não disse nada», advertiu, pesarosa!... 20.000\$. Outra, que nos acompanha há trinta anos, endereça um cheque de 25.320\$00. Benjamim deixou onze; a Maria José, de Évora, oito; o Luís e o Rui, três.

Bolos-reis foram em maré cheia. Os bolos do Natal vieram todos. Ninguém faltou à sua «obrigação». As senhoras que todas as segundas-feiras se juntam no Lar, auxiliando a Tereza no arranjo das roupas, fizeram a campanha das meias: 270 pares e 90 lenços.

A Fonte do Dufa correu com 7.500\$00. Outra viúva, 11.000\$. O dinheiro escaldava, tal era

a generosidade desta pobre mulher!... Um mealheiro num mini-mercado, de Palmela, tinha a passar de 6.000\$00.

Da Fábrica Edmar, de Leiria, chegaram quatro caixas grandes de calçado. Outras dádivas, como estas, ficam eternamente descritas no «Livro da Vida».

■ **Quero dar-te, leitor amigo, mais notícias que desenvolverei nos próximos números:**

— **Comprei uma moradia na Arrábida que servirá, especialmente, para colónia balnear dos Rapazes. Foi um enorme buraco aberto na economia desta Casa!**

— **A nossa Festa está quase pronta e começaremos no fim de Março.**

— **Unir-nos-emos à Diocese de Lisboa numa sessão evocativa do Centenário do Padre Américo a realizar, 8 de Março, às 15 h, no Coliseu de Lisboa. Espero ver lá todos os Amigos da Obra da Rua.**

Padre Acllio

O livro «NOTAS DA QUINZENA» e a receptividade dos Leitores

Ficamos prostrados frente à coluna de Amigos que, d'alma aberta, cantam hossanas ao livro **Notas da Quinzena!**

«Obrigada pelo Notas da Quinzena, presentemente o meu livro de cabeceira que muito me ajuda e me faz corar também, reconhecendo a minha fragilidade e pequenez como educadora, ao pé do Gigante que foi (é) o grande Pai Américo.»

Uma figura da Igreja — pela mão do nosso Padre Carlos:

«O Notas da Quinzena tem-me servido de livro de meditação e até tenho chorado. Custa-me comer o pão que o Senhor me vai dando, quando se sabe que muitos o não têm. Também já andei pelas casas dos Pobres na minha mocidade e depois de padre pelas barracas junto do Seminário quando fui dos primeiros dirigentes da Fundação Cardeal Cerejeira, que já alojou centenas de famílias. Agora a minha vida é outra, sem no entanto nunca me esquecer dos Pobres; e nestas noites frias como sinto o frio das barracas...»

Que dizer, ainda, deste médico alentejano?!

«Recebi o Notas da Quinzena. Todos os livros, aí editados, são lidos sempre com muito agrado e muita comoção à mistura. Enquanto os anteriores foram devorados de uma assentada, este não conseguiu! Foi com muitos intervalos, tinha que tomar fôlego de vez em quando. Punha-se um nó na garganta, puxava pelo lenço e tinha de demorar. Escusado será dizer que um lenço só não chegou. Ora isto não é qualquer livro que consegue...! Nem sei como se pode dizer tanto em tão pouco espaço e com tanto «rumo»! As vezes, lemos um livro e depois de muito espremido, não deixa

nada, não nos sensibiliza...» Lágrimas de Vida, do assinante 12029!

Poderíamos fazer uma edição, apenas com a correspondência dos Leitores motivados pelo **Notas da Quinzena** e outras obras dos nossos prelos! Almas em cachão!

«Que a leitura de mais este tesouro (Notas da Quinzena) inculque no meu espírito e alerte a minha consciência para a prática do bem e do amor — especialmente aos Pobres» — afirma o assinante 31261; vivência que testemunha o principal objectivo da carismática acção de Pai Américo: alertar as consciências para a prática do bem e do amor.

Os Leitores do **Notas da Quinzena** são canais transmissores da Mensagem! Não a guardam nem a colocam debaixo do alqueire. Espalham-na pelo mundo fora, como esta Amiga, do Fundão:

«Agradeço o favor de me mandarem mais um Notas da Quinzena, pois ofereci aquele que me enviaram a uma amiga que, espero, venha a ser vossa amiga também. Se não fosse abusar, e a vós seja possível, pediria mais dois ou três para dar a conhecer melhor o extraordinário sacerdote que foi o Padre Américo — e a sua Obra da Rua.»

Júlio Mendes

AQUI LISBOA!

«Aquele a quem Deus deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus.» (Pai Américo)

Na próxima semana, O GAIATO entrará no 44.º ano de existência. Assinalar o facto será de curial justiça e, se nos permitem a confiança, representa para o subscritor destas linhas uma atitude de gratidão pelo bem recebido, numa altura em que, ainda jovem, um tanto perplexo e indeciso, buscávamos rumo para a nossa vida.

Vicentino apaixonado, com bons Mestres, Leigos e Padres, que recordamos com saudade, foi sobretudo nos escritos de Pai Américo que encontramos, na sua exemplaridade de «recoveiro dos Pobres» as linhas mestras da nossa actuação e da busca de coerência de visitador comprometido dos bairros degradados de Lisboa e dos hospitais e a força espiritual para encarar as situações dos nossos Irmãos em sofrimento.

Que os nossos Leitores nos perdoem o desabafo, sendo nós o que somos, pobres e fracos, se alguma coisa fazemos ou fizermos de útil, em grande parte o devemos ao instrumento privilegiado de Deus que foi Pai Américo, sobretudo através da sua prosa e do seu testemunho.

Pelas razões apontadas, embora de modo sumário, compreenderão os nossos Amigos o compromisso que temos de escrever nestas colunas, se outras razões não houvesse para o fazer. Que O GAIATO continue a ser «púlpito» para crentes e descrentes que «repara, denuncia, deseja, trabalha» para bem de todos, sobretudo dos mais desprotegidos.

Para terminar: Na próxima edição d'O GAIATO, em que os Leitores estarão presentes de modo particular, seja-nos permitido saudá-los de maneira muito especial, que todos somos parte da mesma equipa.

Padre Luiz

Do que nós necessitamos

Cont. da 3.ª pág.

ze dias. O GAIATO é uma presença que não falta.

Padre Manuel António

CENTENÁRIO de Pai Américo COLISEU de LISBOA 8 de Março — 15 h. Sessão evocativa, promovida pelas Dioceses de Lisboa e Setúbal.



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel